ZINE CONSCIENTE

CAPITALISMO CONSCIENTE® BRASIL

#38

Capitalismo Consciente: conflito de interesses?

“Seguramente, nenhuma sociedade pode ser florescente e feliz se grande parte de seus membros for pobre e miserável.” *Adam Smith*

Durante muitos anos, a oposição entre atividade empresarial e bem-estar social foi uma verdade incontestável para economistas e sociólogos, que acreditavam que, para ser benéfica para a sociedade, uma empresa precisaria limitar seu desempenho econômico. De acordo com esse ponto de vista tradicional, a preocupação com questões sociais prejudica o desempenho corporativo, gerando custos e reduzindo os lucros.

A noção de externalidades é outro conceito correlato a essa velha polarização empresa x sociedade. As chamadas externalidades ocorrem quando a companhia provoca prejuízos socioambientais, como a poluição, e não arca com eles. Diante disso, o poder público impõe normas, impostos e sanções para obrigar a empresa a “internalizar” esses danos.

As estratégias das próprias organizações, por sua vez, se adaptaram a esse cenário de modo pouco eficiente, eliminando fatores socioambientais do planejamento econômico e resistindo – e, eventualmente, tentando driblar - padrões regulamentares. Os problemas sociais tornaram-se preocupações exclusivas de governos e ONGs, enquanto parcos programas de responsabilidade corporativa foram criados, sob pressão externa, apenas para acalmar os ânimos e melhorar a imagem empresarial.

Esses modelos “extrativos” de atuação das empresas vêm causando efeitos devastadores sobre a natureza e as comunidades humanas ao longo dos últimos séculos. Atualmente, cerca de 5 dos 7 bilhões de habitantes do planeta Terra são pobres ou extremamente pobres - um sexto da população mundial recebe menos de US$1 por dia, e outros 2 bilhões recebem menos de US$2 diários.

Até o século 19, contudo, a pobreza era vista como inevitável, e os setores público e privado pouco faziam para combatê-la - os primeiros programas antipobreza só surgiram no começo do século 20. Esse cenário de extremo individualismo tem como pano de fundo o fato de que “muitas pessoas pensam pouco, ou simplesmente não pensam, no impacto de seu comportamento sobre os outros membros da sociedade. Elas ou desconsideram os outros quando tomam decisões ou não se importam com aqueles que estão além de seu círculo imediato da família e de amigos. O pensamento individualista pode levar as pessoas a desconsiderar a poluição, a pobreza e outros males sociais, embora, em última análise, afetem a todos” (KOTLER, 2015, p. 189).

A tensão dialética entre liberdade e igualdade

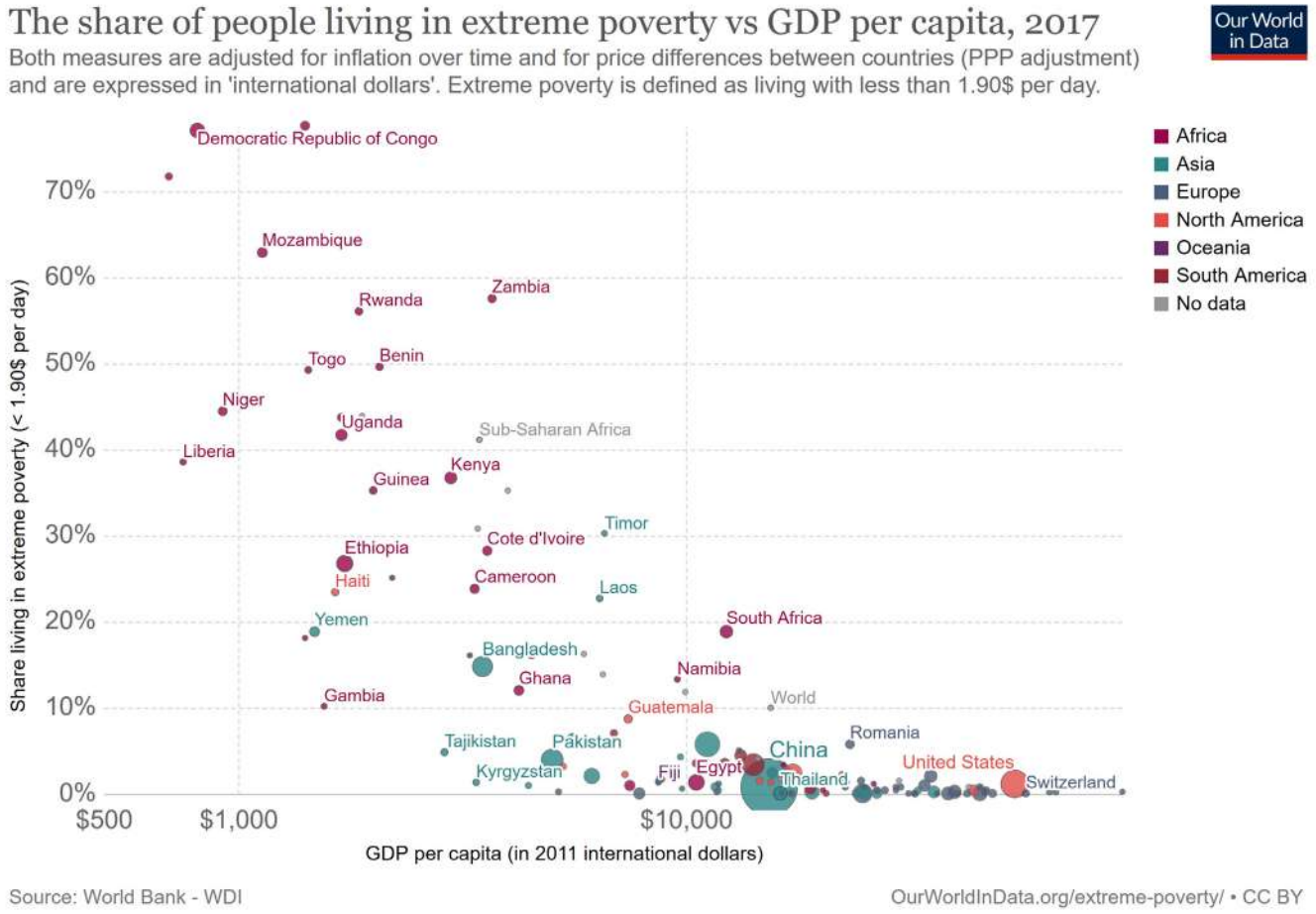
A liberdade conquistada a partir da Independência norte-americana (1776) e da Revolução Francesa (1789) é a chamada “liberdade dos modernos”, nas palavras de Benjamin Constant (1836-1891), um dos fundadores da república brasileira. Em oposição à “liberdade dos antigos”, na qual prevalecia a intervenção pública em todas as decisões importantes da polis, a liberdade reconhecida no século XVIII fundamenta-se na imposição de proibições ao Estado, que a partir de então só pode obrigar os cidadãos através de leis constituídas por seus representantes democraticamente eleitos.

Já o conceito de igualdade ficou inicialmente restrito ao âmbito formal, declarando-se todos os homens como cidadãos inseridos em igual patamar social e jurídico, conforme prega a Declaração da Independência dos EUA: "Todos os homens são criados iguais; são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, entre os quais estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade; para garantir esses direitos, são instituídos entre os homens governos que derivam seus justos poderes do consentimento dos governados" (NATIONAL ARCHIVES, 2020) .

Em sua obra mais conhecida, "A Riqueza das Nações" (1776), o filósofo e economista escocês Adam Smith (1723-1790) ressalta a importância de um "autointeresse esclarecido" para o desenvolvimento econômico (SMITH, 2003) Essa ideia é reforçada em seu primeiro livro, "Teoria dos Sentimentos Morais" (1759), no qual Smith destaca a moralidade e a honestidade como elementos fundamentais para o sucesso do sistema capitalista (SMITH, 2015). A questão das desigualdades sociais não significa, portanto, que a defesa dos próprios interesses seja negativa para a sociedade. Muito pelo contrário.

No best-seller "Capitalismo Consciente: como libertar o espírito heroico dos negócios" (MACKEY & SISODIA, 2018), John Mackey, co-CEO do Whole Foods Market, e Raj Sisodia, professor emérito da Babson College, denunciam o "sequestro intelectual" do capitalismo, explicando como a abordagem ética de Adam Smith foi suprimida em prol de um desenvolvimento capitalista incompleto, "desprovido da metade mais humana de sua identidade".

Gráfico 1.3: no eixo Y, a porcentagem da população vivendo na extrema pobreza (menos de US$ 1,90 por dia); no eixo X, o PIB per capita (quanto mais à direita, maior).



Fonte: OXFORD, 2019.

O estudo adota os mesmos parâmetros econômicos do Banco Mundial, considerando extremamente pobre todo indivíduo com renda diária inferior a US$ 1,90. Seguindo esses padrões, a pesquisa de Oxford concluiu que nenhum país com PIB per capita acima de US$ 15.000 tem mais do que 5% de sua população na pobreza extrema. Já os países com PIB per capita inferior a US$ 4.000 têm de 25 a 75% de seus habitantes nessa condição.

Embora a geração de riqueza e o aumento médio da renda per capita nacional se reflitam em melhores condições de vida também para as classes sociais mais baixas, alguns problemas ainda persistem sem solução, como empresas que não pagam salários dignos, não assumem os custos sociais e menosprezam o meio ambiente.

Conforme a civilização vai evoluindo, porém, o acesso à informação torna-se mais democrático e as organizações e pessoas ficam mais conscientes sobre seus papéis sociais e impactos no mundo. Atualmente, muitos cidadãos buscam ser mais criteriosos em relação aos produtos e serviços que consomem, enquanto várias empresas tentam repensar seus negócios para além da pura lucratividade.

Nos últimos anos, grandes corporações, empresários e personalidades vêm participando ativamente de reflexões e debates sobre flagelos sociais como a extrema desigualdade de renda. Em 2014, no Fórum Econômico Mundial de Davos, o Papa Francisco, líder da Igreja Católica Romana, reclamou da "tirania do capitalismo irrestrito", pedindo aos ricos que "assegurem que a humanidade seja servida pela riqueza, e não governada por ela" (LASTAMPA, 2014).

Quando vemos empresas bem-sucedidas e outras em ascensão, podemos questionar o sentido de grandes desempenhos financeiros incapazes de gerar benefícios para além do contexto organizacional. Afinal, "a crescente disparidade da renda não apenas é um desastre para os pobres, como também uma ameaça para os ricos. A pobreza gera famílias destruídas, crime e organizações criminosas, mendigos, prostituição, imigração em massa, movimentos de protesto social e estados falidos" (KOTLER, 2015).

Em 27 de maio de 2014, as enormes desigualdades sociais que ainda assolam o mundo foram o tema principal da Conferência sobre Capitalismo Inclusivo, evento que reuniu Bill Clinton, o Príncipe Charles, Christine Lagarde e outros integrantes da elite econômica, que detém cerca de um terço da riqueza global. A proposta da conferência foi "discutir a necessidade de uma forma de capitalismo socialmente mais responsável que beneficie todas as pessoas".

No encontro, Dominic Barton, diretor administrativo da McKinsey & Company de 2009 a 2018, alertou sobre "a crescente preocupação de que, se as questões fundamentais reveladas na crise continuarem a não ser abordadas e o sistema tiver um novo colapso, o contrato social entre o sistema capitalista e a coletividade de cidadãos venha, verdadeiramente, a se

Figura 1.3: "Está ok por enquanto, mas em última análise eu preferiria trabalhar em um ambiente melhor que um mundo pós-apocalíptico."

"It's O.K. for now, but ultimately I'd like to work somewhere other than a post-apocalyptic world."

Fonte: The New Yorker Cartoons, 2019.

romper, com resultados imprevisíveis porém seriamente prejudiciais". Barton concluiu seu discurso considerando "imperativo restaurar a confiança no capitalismo e nos livres mercados" (COALITION FOR INCLUSIVE CAPITALISMO, 2014).

Esse tipo de debate traz à tona reflexões fundamentais acerca da responsabilidade corporativa sobre os rumos da civilização humana, e o capitalismo consciente tem suas origens precisamente nesse mindset. O conceito destaca a importância das empresas gerarem valor – não apenas financeiro - para a sociedade.

> *"O capitalismo consciente é um paradigma em desenvolvimento para os negócios que simultaneamente cria vários tipos de valor e bem-estar para todas as partes interessadas: financeiro, intelectual, físico, ecológico, social, cultural, emocional, ético e até mesmo espiritual. Esse novo sistema operacional é muito mais harmônico com o ethos de nosso tempo e a essência de nosso ser em evolução"* (MACKEY & SISODIA, 2018, p. 35).

O capitalismo consciente (CC) representa um movimento de organizações que trabalham para ser a melhor empresa PARA o mundo, e não somente as melhores empresas do mundo. Segundo seus princípios, é perfeitamente possível gerar simultaneamente bem-estar social e lucros para os acionistas.

Trata-se de uma iniciativa global, surgida nos Estados Unidos e fundamentada no estudo acadêmico de Raj Sisodia, Jaf Shereth e David Wolf. O trabalho, que buscava descobrir como certas companhias conseguiam ter uma excelente reputação e fidelização de clientes sem grandes gastos com publicidade e marketing, foi apresentado ao co-CEO do Whole Foods John Mackey, que reconheceu várias de suas próprias filosofias e ações no manuscrito. As trajetórias empresarial de Mackey e acadêmica dos autores foram então reunidas no livro "Firms of Endearment" (Empresas Humanizadas), originalmente publicado em 2003 (FIRMS OF ENDEARMENT, 2014).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- **SMITH, Adam.** A riqueza das nações. Editora Martins Fontes, 2003.

- **SMITH, Adam.** Teoria dos sentimentos morais. Editora WMF Martins Fontes, 2015.

- **MACKEY, John & SISODIA, Raj.** Capitalismo Consciente: Como libertar o espírito heroico dos negócios. Editora Alta Books, 2018.

- **OXFORD, 2019. Our World in Data.** Global Extreme Poverty. Disponível em: https://ourworldindata.org/extreme-poverty Acesso em: 20/02/2020.

- **LASTAMPA, 2014.** Francis: "I ask you to ensure that humanity is served by wealth and not ruled by it". Disponível em: https://www.lastampa.it/vatican-insider/en/2014/01/21/news/francis-i-ask-you-to-ensure-that-humanity-is-served-by-wealth-and-not-ruled--by-it-1.35937556 Aceso em: 20/02/2020.

- **COALITION FOR INCLUSIVE CAPITALISM, 2014.** Disponível em: https://www.inc-cap.com/conferences/2014-conference/ Acesso em: 20/02/2020.

- **FIRMS OF ENDEARMENT, 2014.** How World-Class Companies PROFIT from passion and purpose. Disponível em: https://www.firmsofendearment.com/ Acesso em: 20/02/2020.

CAPITALISMO CONSCIENTE®
BRASIL